O ARTIGO DE OPINIÃO VISTO SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA BAKHTINIANA DA LINGUAGEM

Daniela Zenatto Jornada [1]

RESUMO: Haja vista a necessidade de compreender um enunciado e torná-lo vivo, devemos considerá-lo sempre aliado à situação social e às relações sociais que o constituíram, não nos esquecendo, pois, que todo texto, segundo Bakhtin, é uma reção-resposta a enunciados anteriores e que, por sua vez, irá suscitar uma reação-resposta em um suposto ouvinte. O que pretendemos, neste trabalho, é desconstruir um artigo de opinião de autoria de Diogo Mainardi de modo a comprovar, a partir de evidências lingüísticas, que o ser humano é capaz de agir socialmente por meio da língua. A forma como aspectos da vida social são abordados, no artigo, aponta para maneiras de representar a realidade e nos levou a compreender de que modo é possível construir, manter e alterar práticas sociais por meio de práticas discursivas materializadas em textos. O diálogo com o leitor, visível no artigo de opinião analisado, reforça a natureza socioideológica deste gênero em particular.
Palavras-chave: artigo de opinião; dialogismo; práticas discursivas..

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar em gêneros do discurso, devemos encará-los como formas da língua viva, constituintes das várias esferas da comunicação verbal e que são, de acordo com Bakhtin (1992), formados por tipos de enunciados relativamente estáveis do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

A língua vista como discurso não pode ser dissociada de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais e dos valores ideológicos. A atividade de linguagem pode ser tomada, segundo Bronckart (2003), "como ação de linguagem, imputável a um agente, e que se materializa na entidade empírica que é o texto singular".

Um comentário e um artigo de opinião, por exemplo, expõem o ponto de vista de um jornalista ou de um colaborador do jornal/da revista, constituindo textos claramente argumentativos. Dentro das possibilidades da língua e de estratégias que considere eficazes, o autor procura fazer valer uma convicção, um julgamento, um sentimento em relação a um assunto de seu interesse e que irá, de alguma forma, alterar as práticas sociais e relações de poder postas em discussão.

O que pretendemos neste artigo é comprovar que o ser humano é capaz de agir socialmente por meio da língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos. Ao analisarmos um gênero textual, depreenderemos não só as características

---

[1] Aluna do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Santa Maria, bolsista do CNPQ/GRPesq.

ideológicas pessoais do autor (crenças, valores, concepções e visões de mundo), como também aspectos que dizem respeito aos fatores sociais que o influenciaram, de alguma maneira, ao elaborar o texto.

Procuraremos buscar, na linguagem, evidências de que o gênero artigo de opinião constitui um instrumento persuasivo que contribui para a manutenção ou renovação de padrões ideológicos existentes. O gênero foi escolhido por caracterizar bem essa função atribuída à língua. Um artigo de opinião da revista VEJA será desconstruído (parágrafo a parágrafo) e analisado segundo a perspectiva dialógica da linguagem, tendo, pois, como base, a abordagem bakhtiniana. Trata-se de responder a perguntas concernentes ao horizonte espacial-temporal dos textos, seu horizonte axiológico, a orientação valorativa do autor acerca do que diz e, em especial, responder a perguntas que ajudem a compreender as relações de dialogismo estabelecidas dentro do próprio texto e com o leitor. Como se vê, já partimos da idéia de que qualquer enunciado objetiva a reação-resposta (imediata ou não) por parte daquele a quem se destina e que o seu sentido constrói-se apenas mediante a participação desse interlocutor e dessa possível reação-resposta.

Haja vista a necessidade de compreender um enunciado e torná-lo vivo, devemos considerá-lo sempre aliado à situação social e às relações sociais que o constituíram. À medida que isso for feito, revelar-se-ão aspectos importantes da vida social que permitem apontar as diferentes maneiras de representar a realidade e compreender de que forma é possível construir, manter e alterar práticas sociais por meio de práticas discursivas materializadas em textos.

Ao longo deste artigo, prestaremos esclarecimentos a respeito dos fundamentos teóricos que deram suporte à análise do artigo de VEJA; forneceremos as informações contextuais (relacionadas, em especial, à temática do artigo) relevantes ao leitor, as quais permitirão a posterior apreensão dos enunciados do texto; procederemos à análise e, por fim, teceremos as considerações finais, que voltam a destacar pontos importantes trabalhados aqui.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Antes de partirmos para a análise do artigo, é importante destacar alguns conceitos-chave que norteiam os estudos de Bakhtin sobre dialogismo, e que estão intrinsecamente relacionados entre si: as concepções de língua, enunciado (e sua

diferenciação da oração), gêneros do discurso, texto, contexto e interação verbal. A própria teoria bakhtiniana os traz conceituados um em relação ao outro.

Comecemos pela relação língua-enunciado. Em a *Estética da Criação Verbal* (1992), Bakhtin esclarece que "a língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana." Essa língua é vista na comunicação verbal concreta – na interação entre os usuários - não no sistema lingüístico abstrato de suas formas. É isso que permite sua evolução. Para o teórico (1986), a língua evolui da seguinte forma:

> as relações sociais evoluem, depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em conseqüência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua. (p. 124)

Cabe-nos agora diferenciar uma oração de um enunciado. Enquanto este é tido como a *unidade real da comunicação verbal*, aquela (assim como as palavras) apenas faz parte das *unidades da língua* (vista como sistema), cuja natureza é gramatical – palavras, combinações de palavras, orações. Isso quer dizer que as pessoas não interagem por meio de orações, nem tampouco por meio de palavras; trocam enunciados, constituídos com a ajuda de unidades da língua. O conhecimento dessas unidades permite sua utilização comum e a compreensão mútua entre todos os usuários da língua. A comunicação verbal, no entanto, só é efetivada quando essas unidades forem colocadas em um contexto. Segundo Bakhtin (1992), "apenas o enunciado comporta uma relação *imediata* com a realidade e com o locutor vivo (com o sujeito). Na língua, existem apenas as potencialidades dessa relação (formas pronominais, modais, recursos lexicais, etc,)".

A compreensão do todo do enunciado implica uma "responsividade" e, por conseguinte, um juízo de valor por parte daquele a quem se dirige. Essa compreensão é, portanto, sempre dialógica. Da mesma forma, o autor daquele enunciando traz uma resposta a enunciados anteriores: "refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles" (Bakhtin, 1992:

316). Sendo assim, podemos afirmar que, em todo enunciado, há marcas de alteridade ora mais, ora menos visíveis, embora sempre presentes. Essa constatação se alia à idéia de que a linguagem, na perspectiva bakhtiniana, exige interação; por isso, todo real da comunicação verbal requer do ouvinte uma atitude responsiva-ativa – que pode se dar por meio de uma resposta fônica subseqüente, por meio de um ato ou, ainda, por meio de uma compreensão responsiva muda.

O dialogismo, segundo Bakhtin, está presente em todos os textos. Estes são definidos como conjunto de enunciados - tidos como objeto de análise e de reflexão - através dos quais "se realiza o pensamento do sujeito que pratica ato de cognição e de juízo" (Bakhtin, 1992: 333). Há sempre encontro de dois textos: do que está concluído e do que está sendo elaborado em reação ao primeiro. O enunciado daquele a quem respondo é "já-aqui", mas sua resposta (sua compreensão responsiva) é "porvir" . Salientamos que, quando se analisa uma oração isolada, isto é, fora de seu contexto, qualquer indício que nos revelaria seu caráter de dirigir-se a alguém e de remeter a enunciados anteriores é parcialmente velado. O todo do enunciado, portanto, deixa de existir.

Embora um enunciado considerado isoladamente seja individual e irrepetível, cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, no que diz respeito ao seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. A esses tipos damos o nome de *gêneros do discurso*, os quais de alguma forma, refletem a menor mudança na vida social.

Toda atividade humana se dá por meio de gêneros do discurso, desde as mais simples (que fazem parte do cotidiano, em geral que envolvem a oralidade), as quais geram os gêneros primários, até as mais complexas (que aparecem nas circunstâncias de comunicação "relativamente mais evoluídas", típicas da escrita, como é o caso do romance, do discurso científico), as quais geram os gêneros secundários.

No mesmo sentido, qualquer locutor declara seus intuitos discursivos por meio de um gênero de discurso; em função da especificidade da esfera de comunicação verbal em questão, da temática e do seu destinatário, este locutor escolhe um determinado gênero e adapta-o aos seus propósitos comunicativos. Ainda mantendo presente a relação dialógica que se estabelece em qualquer enunciado, Bakhtin(1992) destaca o papel do destinatário:

> O grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos, suas simpatias e antipatias [...]; isso é que condicionará sua compreensão responsiva de meu *[do locutor]* enunciado . Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos lingüísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado.(p. 321)

Tendo em vista o estilo do enunciado, não poderíamos deixar de observar as marcas lingüísticas presentes no texto que analisaremos. Lembremos que os textos se constituem de enunciados que, por sua vez, constituem discursos e que estes são carregados de ideologias.

Por meio das marcas lingüísticas, identificaremos de que maneira o autor dialoga com seu interlocutor e tenta levá-lo a assimilar e adotar sua opinião e seguir sua orientação axiológica. Trata-se de analisar recursos do léxico como, por exemplo, o uso de palavras e expressões avaliativas, de aspas, de ironias, de operadores argumentativos, de modalizadores e de discurso direto/indireto. Tomaremos como base para esse tipo de análise *A inter-ação pela linguagem* (2000) e *O texto e a construção dos sentidos* (1997). Interessante destacar a maneira como a autora, Ingedore Koch, encara a linguagem:

> [a linguagem] como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e /ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (p.9-10)

A forma como um dos participantes da interação leva o outro a reagir e se comportar é ilustrada pelas escolhas que faz dentre as possibilidades que a língua lhe

oferece, isto é, podemos dizer que certos elementos da gramática de uma língua têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados e a direção de sentido para o qual apontam.

Não perdendo de foco o objetivo a que nos propomos neste artigo, e procurando dar conta de uma análise consistente, consideramos importante não ignorar o fato de que o gênero com o qual trabalharemos é um produto midiático e que, portanto, carece ser tomado também nesta perspectiva. Por conseguinte, deve ser visto como veiculador de ideologias. Utilizamo-nos, para dar conta dessa parte da análise, da teoria de Fairclough (1995) no seu *Media Discourse*, no qual defende a idéia de que o papel ideológico da mídia é visível nas maneiras particulares de representar o mundo, nas construções que faz de identidades e relações sociais. O entendimento desse papel da mídia contribui para legitimar o que está sendo apresentado – no caso, a opinião do articulista – como instrumento, de fato, persuasivo.

3 INFORMAÇÕES CONTEXTUAIS

Como já explicitado, na perspectiva bakhtiniana, um texto só é concebido e percebido no seu contexto. Da mesma forma, um gênero necessita de seu contexto para que constitua sua identidade.

Sendo assim, cremos fundamental informar ao leitor deste artigo a respeito de alguns conhecimentos prévios que lhe serão exigidos quando da leitura e interpretação do texto que, na seqüência, será analisado. Além disso, gostaríamos de comentar a respeito da autoria do artigo de opinião a ser investigado aqui (a saber, Diogo Mainardi), bem como gostaríamos de fazer algumas considerações a respeito da mídia em questão (Revista VEJA). Partamos, aliás, desse último aspecto.

A Revista VEJA é uma revista semanal brasileira publicada pela Editora Abril. Foi criada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta, sua primeira edição foi publicada em 1968 e hoje conta com uma uma tiragem superior a um milhão de exemplares.

A revista aborda temas a respeito do cotidiano da sociedade brasileira e, por vezes, mundial, como política, economia, cultura e comportamento. Seus textos são elaborados em sua maior parte por escritores e jornalistas, dentre os quais, está Diogo Mainardi, nosso autor-referência.

Diogo Briso Mainardi é nascido em São Paulo, no dia 22 de setembro de 1962. É escritor, produtor, roteirista de cinema e colunista. Nos últimos anos, tornou-se um

conhecido nome do jornalismo brasileiro, principalmente devido à ampla divulgação de sua coluna na revista VEJA. Quando passou a contar com uma coluna semanal, em 1999, os principais temas dos quais tratava giravam em torno de Literatura e Arte. Passou três anos escrevendo sobre Cultura. Em 2002 abandona esse tema e passa a tratar de política e economia. É declaradamente um crítico do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. A partir de então, começa a tecer críticas à sociedade brasileira e às tendências políticas em geral. Sua estratégia retórica é geralmente baseada na descontrução do senso comum, pondo-o em questionamento. O público leitor de Mainardi compartilha, em geral, o mesmo meio sociocultural que ele, de modo que o autor parece conhecer melhor as maneiras de atingir seus leitores e fazê-los refletir sobre o que está sendo colocado em discussão.

No artigo intitulado *Heil, Homer!*, escolhido para análise, vemos uma crítica à educação brasileira. No sentido de contribuir com o leitor na compreensão do texto, acreditamos conveniente ativar, desde já, o seu conhecimento prévio acerca do seriado americano *Os Simpsons*, bem como do desenho animado Beavis e Butthead, ambos citados por Mainardi na coluna.

Os Simpsons é uma série de desenhos animados para a televisão que retrata o dia-a-dia de uma família estadunidense. Criado pelo cartunista Matt Groening para a emissora Fox Network, foi exibido pela primeira vez em 1989. Por meio dos protagonistas Homer, Marge, Bart, Lisa e Maggie, o programa faz críticas ao comportamento humano, à sociedade e ao modo de vida americano. A popularidade de *Os Simpsons* e a seriedade com que os comentários ali veiculados são encarados pelo público tornam-nos uma autoridade incontestável para Mainardi em termos de temas de interesse social, não só no que diz respeito à sociedade americana, mas, inclusive, à brasileira (o assunto, no caso deste artigo, é a educação brasileira, como já vimos).

Ao contrário de *Os Simpsons*, *Beavis e Butthead* é uma série animada da televisão americana que não ganha tanta credibilidade por parte do público por sua temática ser considerada pouco instrutiva e bastante apelativa – jovens estudantes cujo estilo de vida está aliado à tevê, à alimentação inadequada, ao consumismo, à sexualidade e ao *heavy metal*. No artigo a ser analisado, da mesma forma que o autor desconsidera os intuitos educativos de *Beavis and Butthead*, ele critica o método com que o governo brasileiro trata de assuntos relevantes para a educação brasileira.

Cabe-nos, a essa altura, lembrar a influência que a mídia é capaz de provocar em especial sob o público adolescente, à medida que incute idéias e dita padrões sociais e

culturais. O artigo *Heil, Homer!* conta com essa capacidade de persuasão que tem o seriado televisivo *Os Simpsons* (não só esse seriado , mas também todo produto midiático, como sabemos) para se constituir como também persuasivo e convincente. Soma-se à capacidade da mídia televisiva, a capacidade da mídia impressa de veicular e propagar ideologias, já que não podemos perder de vista que o artigo de Mainardi faz parte da revista VEJA, considerada a revista de maior circulação no Brasil, e a quarta maior no mundo.

4 ANÁLISE DO ARTIGO DE VEJA : *Heil, Homer!*

O artigo selecionado para esta análise foi publicado em 14 de fevereiro deste ano, vésperas de Carnaval, momento em que o governo (em conjunto com órgãos da saúde) faziam campanhas em favor do uso da camisinha como forma de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Essa contextualização é importante para ajudar a dar sentido e compreender a pertinência do assunto a ser tratado no artigo daquela semana.

Heil, Homer! nasce em resposta ao descaso do governo brasileiro com a educação. O autor coloca-se como pai preocupado com a educação de seus filhos. Tanto é que o aspecto enfatizado aqui é a educação que jovens têm recebido nas escolas, em particular, a maneira com que eles têm sido orientados em termos de educação sexual. Mainardi faz menção a uma cartilha que "os pedagogos petistas" distribuíram nas escolas com o objetivo de ensinar a usar camisinha. Além disso, o autor aproveita para fazer uma crítica à educação brasileira como um todo - a qual envolve pais, escolas e medidas pedagógicas adotadas pelo governo – e salienta que houve, em vez de progresso, um retrocesso da sociedade brasileira.

Visualizamos marcas de dialogismo desde o título do artigo, no qual se verifica uma intertextualidade com a histórica frase que os soldados hitlerianos proferiam ao seu chefe no momento de prestar continência ("Heil, Hitler!") e que se esclarece ao longo do texto. E, conforme atesta Koch (1997), a intertextualidade consiste na "relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos", ou seja, é um enunciado que dialoga com outro.

Vejamos como começa o artigo, de onde parte a argumentação do autor em favor da questão posta em debate, a qual só ficará clara mais adiante do texto:

> Homer Simpson está esgoelando seu filho Bart. A troco de nada, ele pergunta:
> - Pode haver país pior do que o Brasil?
> Bart responde imediatamente:
> -Nenhum país é pior do que o Brasil.
> Homer Simpson se satisfaz com a resposta e solta a garganta de Bart.

A partir do comentário de Homer e Bart Simpson sobre o país, o autor desenvolve seus argumentos. Antes de mais nada, Mainardi reafirma a qualidade do seriado – deixando de lado, inclusive, produções dos melhores cineastas americanos ("Martin Scorsese, Tim Burton, Joel e Ethan Cohen"), o que nos leva a crer , portanto, que aquilo que é veiculado ali, merece ser levado em consideração e tomado como verdade.

> A cena ocorreu num dos últimos episódios de *Os Simpsons.* O seriado está em sua 18ª temporada. É <u>melhor do que</u> toda a cinematografia americana do período. Martin Scorsese? Tim Burton? Joel e Ethan Cohen? <u>Ninguém</u> é páreo para *Os Simpsons.* Quem afirmar o contrário merece ser esgoelado.

Os intensificadores empregados aqui marcam não só uma comparação; já fazem também uma apreciação positiva do que está sendo divulgado naquele programa, não dando ao leitor a possibilidade de discutir ou discordar disso.

A legitimidade do comentário dos personagens do seriado, tidos como autoridade no assunto "Brasil", é mais uma vez enfatizada em detrimento até de comentários que fariam personagens típicos da história e da cultura brasileira – Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado e Gilberto Freyre. Essa reafirmação é visível especialmente no uso de verbos expressivos e do pronome "ninguém", que claramente nega qualquer contra-argumentação.

> Homer Simpson <u>entende</u> de Brasil. Ele <u>sabe</u> que Gregory Peck se refugiou em Bertioga e espalhou entre nós cópias geneticamente perfeitas de Hitler. Conheço um monte delas. Homer Simpson <u>sabe também</u> que os brasileiros voltaram ao passado pelo túnel do tempo. Sérgio Buarque de Holanda? Paulo Prado? Gilberto Freyre? <u>Ninguém</u> entende tanto de Brasil quanto Homer Simpson. Heil, Homer!

Aqui está uma prova (visível também no fragmento anterior) de que Mainardi procura construir sua argumentação pondo em desequilíbrio o senso comum, ou seja, argumenta a partir de afirmações que ele sabe que vai causar certo "choque" no leitor, justamente por ir de encontro ao que a grande maioria pensa àquele respeito.

Até aqui, o autor não nos apresentou o assunto do artigo, em particular. É somente no parágrafo seguinte que ele o faz, ligando-o ainda ao episódio de *Os Simpsons* e à fala de Bart e Homer. Palavras do campo semântico da educação começam a surgir.

> Se todos os pais esgoelassem seus filhos e os obrigassem a repetir diariamente que nenhum país é pior do que o Brasil, já estariam cumprindo seu papel. Apesar de seus modos rudes, apesar de sua falta de cultura, Homer Simpson educa direitinho o pequeno Bart. Quero educar meus filhos desse mesmo jeito. O único ensinamento que posso lhes dar sem medo de me arrepender é que nenhum lugar é pior do que este. O que a escola ensinará a eles é bem mais incerto.

Visualizamos que, antes de apresentar claramente o assunto, Mainardi deprecia o Brasil em termos não específicos ainda, ou seja, ele simplesmente afirma que "nenhum lugar é pior do que este". Isso se mostra estar em concordância com o que Bart Simpson responde a seu pai no último episódio da série.

Mainardi atenta, a partir daqui, para a formação dos filhos, já que a escola, como defenderá, na seqüência, não é um meio eficaz para ensinar alguma coisa útil (tampouco inútil) às crianças e jovens. Os pais deveriam educar os filhos obrigando-os a repetir o que Homer obrigou Bart a falar.

O autor parte do princípio de que a escola – (des)incentivada pelo governo – não é capaz de cumprir seu papel social de formação de cidadãos; assuntos como, por exemplo, a prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis ou contra gravidez são tratados de forma ingênua, abordados com o uso de uma linguagem extremamente metaforizada (a tal ponto que parece obscura) e infantil. A maneira que o governo tem de contribuir para essa ineficiência da educação brasileira é ilustrada pela referência irônica à cartilha que estava sendo distribuída como informativo sobre esses assuntos.

> Os pedagogos petistas decidiram distribuir aos alunos uma cartilha ensinando a usar camisinha. A prática é descrita nos seguintes termos: "O pirata de barba negra e de um olho só encontra o capuz emborrachado". A pedagogia petista está mais para Beavis e Butthead do que para Homer Simpson. Se é assim, sugiro recorrer diretamente ao professor Edélsio Tavares, o mestre da imagem elegante: "A cobra caolha encapuzada que se aninha junto ao bolso esquerdo dos homens".

O que diz na cartilha, em seguida, suscitará comentários críticos do articulista. Ele ridiculariza a didática petista de fornecer informações dessa maneira. Lembremos que essas informações se faziam especialmente essenciais naquele período de vésperas de Carnaval, já que, como sabemos, é uma época em que a promiscuidade e o número de adolescentes grávidas aumenta consideravelmente.

A tentativa de ridicularizar a "pedagogia petista" também fica visível pelo comentário que Mainardi faz (que contém pronomes de grande força argumentativa) acerca dos "resultados" dessa prática, segundo comprova sua própria experiência:

> A escola nunca me ensinou a encapuzar o pirata de barba negra ou a cobra caolha. Aprendi fora da escola. Pensando bem, tudo o que eu aprendi – de útil ou de inútil – aprendi fora da escola, em geral sendo esgoelado por meus pais.

Neste mesmo parágrafo, no sentido de corroborar sua tese, apela para argumentos de terceiros, os quais têm espaço, também, no último parágrafo do artigo.

> Quem argumentou que a gente perde tempo demais na escola foi Charles Murray, aquele da Curva do Sino. Num artigo recente, ele afirmou que 50% dos alunos possuem um QI menor do que 100. Isso significa que, por mais que se empenhem, jamais conseguirão aprender a ler um período mais elaborado, simplesmente porque lhes falta inteligência. Em vez de ensiná-los a ser maus médicos e maus engenheiros, portanto, é melhor ensiná-los a ser bons marceneiros e bons encanadores.
>
> Pelos cálculos de Charles Murray, o ensino superior só faz sentido para quem tem um QI superior a 115. Isso corresponde a 15% do total de alunos. O resto de nós pode se arranjar perfeitamente sem se sacrificar na escola. Charles Murray diz que ninguém descobriu uma maneira para aumentar o QI das pessoas. O que Homer Simpson e eu podemos garantir é que há uma maneira para diminuí-lo. O Brasil é a melhor prova disso.

As palavras destacadas (em especial, advérbios) são os principais indícios do tom irônico do autor – típico do seu estilo de escrita. Ao longo do artigo, aliás, notamos que a orientação valorativa do articulista diante do assunto de que trata se dá especialmente por meio de constantes ironias que se relacionam com os enunciados já ditos. Em outras palavras, como afirma Rodrigues (2005), o autor mantém relações dialógicas com outras opiniões, verdades, fatos, dados "que vão dar corporeidade e sustentação a sua opinião".

Mais uma vez, são marcas do dialogismo bakhtiniano, que é visível em vários trechos do artigo. Como marcas explícitas, encontramos as aspas, que atentam para a

manutenção de diálogos entre discursos - que serão reafirmados ou contestados pelo autor.

No mesmo sentido, no início do artigo, há marcas de discurso direto (falas de Homer e Bart Simpson), bem como menção direta do episódio do seriado americano ("A cena ocorreu num dos últimos episódios de *Os Simpsons*."), cujo valor como fonte legítima de informações , como vimos, é veementemente ressaltado. Ainda neste parágrafo, e também no posterior, vimos que o leitor é interpelado (pontos de interrogação) e levado a questionar sobre a legitimidade da informação veiculada no seriado americano; contudo, é imediatamente contra-argumentado - há uma visível imposição do autor sobre a opinião do leitor:

> Martin Scorsese? Tim Burton? Joel e Ethan Cohen? Ninguém é páreo para *Os Simpsons*. Quem afirmar o contrário merece ser esgoelado.
> [...]
> Sérgio Buarque de Holanda? Paulo Prado? Gilberto Freyre? Ninguém entende tanto de Brasil quanto Homer Simpson.

Isso acontece porque o autor, no momento de produção de seu texto, procura sempre prever as possíveis reações-resposta de contestação do seu leitor. Ciente disso, tenta rebatê-las por meio de uma maior imposição da sua voz no seu discurso, em detrimento das outras vozes sempre presentes em qualquer enunciado.

Fica claro, pois, conforme Rodrigues (2005) constata, que "a posição do autor vai se construindo pelo modo diferenciado de incorporação e tratamento que dá às diferentes vozes (outros acentos de valor) arregimentadas no seu enunciado, que recebem diferentes valorações" (p.174). Logo, dependendo da orientação axiológica do autor e de seu nível de comprometimento com aquilo sobre o qual se posiciona, ele se engaja mais ou menos em relação ao que fala e à fala do outro. Dessa forma, atribui juízos de valor não somente no que diz respeito a sua opinião, como também à opinião alheia.

Neste artigo, fica clara, portanto, a relação dialógica entre enunciados defendida e postulada inicialmente por Bakhtin. Esta relação ficou especialmente marcada pela intertextualidade evidente, pelas aspas presentes ao longo de todo texto e pelo uso do discurso direto. Além disso, ficou-nos evidente o fato de nossos enunciados partirem como resposta a outros já-ditos e se dirigirem a um destinatário ideal, requerendo uma

atitude resposiva-ativa por parte dele (inclusive em termos de mera reflexão sobre o que está sendo discutido), ora tendo-o como aliado (caso ele compartilhe do mesmo ponto de vista), ora como sujeito a ser persuadido e convencido, de modo a alterar suas convicções ideológicas e, conseqüentemente suas práticas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de confirmar o que foi exposto e insistir em sua pertinência, consideramos importante relembrar as principais conclusões a que se pôde chegar mediante a análise de um artigo de opinião – ainda que, desde o início, tivéssemos em vista as peculiaridades desse gênero como um todo.

Primeiramente, destacamos o caráter socioideológico e dialógico do artigo de opinião. Chama à atenção a expressividade com que isso se mostra nos textos analisados – especialmente mediante recursos estilísticos do autor (ironias, índices avaliativos, seleção lexical) que os torna adequados aos seus intuitos discursivos.

Percebemos, em termos de dialogismo, a constante interação verbal entre locutor e interlocutor no texto. O autor procura prever a posição-reação de seu leitor no sentido de construir seu discurso de modo a refutá-la, caso contrária a sua. Ficam visíveis, pois, as postulações de Bakhtin (1986) que nos dizem que toda palavra é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Segundo ele, "ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte" (p. 113). Na *Estética da Criação Verbal* (1992) ele também faz considerações a esse respeito, quando afirma que "sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona *todos* os recursos lingüísticos de que necessita."

Aliada à natureza socioideológica dos artigos de opinião, faz-se necessário destacarmos também a capacidade deste gênero de representar indivíduos/instituições e suas ações, de forma a estabelecer relações sociais. Isso nos permite visualizar não só a realidade particular de um indivíduo, como também os padrões ideológicos que ditam condutas, opiniões e comportamentos coletivos. A maneira como o autor de um artigo de opinião expressa seu ponto de vista – sem dúvida mais incisivamente que em outros gêneros – poderá levar mais facilmente o leitor a refletir sobre o assunto em questão, o que contribui para a produção, manutenção ou alteração de ideologias e conseqüentes práticas sociais.

Como terceiro e último aspecto a ser enfatizado, que o liga aos precedentes de alguma forma, diz respeito à contribuição da mídia (no caso analisado, da revista VEJA) para a manifestação e, ao mesmo tempo, para a propagação de visões de mundo diversas que também, por sua vez, ajudam a formar as visões de mundo da grande massa social. Fairclough (1995) já atentava para isso há mais de 10 anos:

> The wider social impact of media is not just to do with how they selectively represent the world, though that is a vitally important issue; it is also to do with what sorts of social identities, what versions of 'self', they project and what cultural values (be it consumerism, individualism or a cult of personality) these entail. And is to do with how social relationships are defined, especially social relationships between the mass of the population who constitute audiences for the most popular media output and people like politicians, scientists, church leaders, and broadcasters themselves. (p. 17)

Assim sendo, reafirmamos que o gênero aqui analisado reflete bem a função dos gêneros em geral, cuja definição, como vimos, segundo Bakhtin (1992), alia-os às diversas esferas de atividade e comunicação humanas, mais especificamente àquelas situações sociais de interação, as quais refletem ideologias e ajudam a construir significados e culturas. Logo, as práticas sociais ou se cristalizam – mantendo as relações de poder vigentes – ou se modificam, estabelecendo novos padrões ideológicos para a sociedade da qual fazem parte.

ANEXO

Diogo Mainardi
Heil, Homer!

"Charles Murray diz que ninguém descobriu
uma maneira para aumentar o QI das pessoas.
O que Homer Simpson e eu podemos garantir
é que há uma maneira para diminuí-lo. O Brasil
é a melhor prova disso"

Homer Simpson está esgoelando seu filho Bart. A troco de nada, ele pergunta:

– Pode haver país pior do que o Brasil?

Bart responde imediatamente:

– Nenhum país é pior do que o Brasil.

Homer Simpson se satisfaz com a resposta e solta a garganta de Bart.

A cena ocorreu num dos últimos episódios de *Os Simpsons*. O seriado está em sua 18ª temporada. É melhor do que toda a cinematografia americana do período. Martin Scorsese? Tim Burton? Joel e Ethan Cohen? Ninguém é páreo para *Os Simpsons*. Quem afirmar o contrário merece ser esgoelado.

Homer Simpson entende de Brasil. Ele sabe que Gregory Peck se refugiou em Bertioga e espalhou entre nós cópias geneticamente perfeitas de Hitler. Conheço um monte delas. Homer Simpson sabe também que os brasileiros voltaram ao passado pelo túnel do tempo. Sérgio Buarque de Holanda? Paulo Prado? Gilberto Freyre? Ninguém entende tanto de Brasil quanto Homer Simpson. Heil, Homer!

Se todos os pais esgoelassem seus filhos e os obrigassem a repetir diariamente que nenhum país é pior do que o Brasil, já estariam cumprindo seu papel. Apesar de seus modos rudes, apesar de sua falta de cultura, Homer Simpson educa direitinho o pequeno Bart. Quero educar meus filhos desse mesmo jeito. O único ensinamento que posso lhes dar sem medo de me arrepender é que nenhum lugar é pior do que este. O que a escola ensinará a eles é bem mais incerto. Os pedagogos petistas decidiram distribuir aos alunos uma cartilha ensinando a usar camisinha. A prática é descrita nos seguintes termos: "O pirata de barba negra e de um olho só encontra o capuz emborrachado". A pedagogia petista está mais para Beavis e Butthead do que para Homer Simpson. Se é assim, sugiro recorrer diretamente ao professor Edélsio Tavares, o mestre da imagem elegante: "A cobra caolha encapuzada que se aninha junto ao bolso esquerdo dos homens".

A escola nunca me ensinou a encapuzar o pirata de barba negra ou a cobra caolha. Aprendi fora da escola. Pensando bem, tudo o que eu aprendi – de útil ou de inútil –, aprendi fora da escola, em geral sendo esgoelado por meus pais. Quem argumentou que a gente perde tempo demais na escola foi Charles Murray, aquele da Curva do Sino. Num artigo recente, ele afirmou que 50% dos alunos possuem um QI menor do que 100. Isso significa que, por mais que se empenhem, jamais conseguirão aprender a ler um período mais elaborado, simplesmente porque lhes falta inteligência. Em vez de ensiná-los a ser maus médicos e maus engenheiros, portanto, é melhor ensiná-los a ser bons marceneiros e bons encanadores.

Pelos cálculos de Charles Murray, o ensino superior só faz sentido para quem tem um QI superior a 115. Isso corresponde a 15% do total de alunos. O resto de nós pode se arranjar perfeitamente sem se sacrificar na escola. Charles Murray diz que ninguém descobriu uma maneira para aumentar o QI das pessoas. O que Homer Simpson e eu podemos garantir é que há uma maneira para diminuí-lo. O Brasil é a melhor prova disso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 7Ed. 1986

BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.* São Paulo: EDUC, 1999.

FAIRCLOUGH, N. Media Discourse. London: Longman, 1995.

KOCH, I.V. *A inter-Ação pela linguagem*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

RODRIGUES, R.H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: A. J. Meurer; Adair Bonini; Désirée Motta-Roth. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 172.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 7Ed. 1986

BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.* São Paulo: EDUC, 1999.

MEURER, J.L; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MEURER, J.L; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem.* Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FAIRCLOUGH, N. Media Discourse. London: Longman, 1995.

FARACO, C.A. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin.* Curitiba: Criar, 2003.

KOCH, I.V. *A inter- ação pela linguagem*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2001.

http://www.wikipedia.org/

http://vejaonline.abril.com.br